



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

VISITANDO ANTIGAS LINGUAGENS – SURGIMENTO DE NOVOS SUJEITOS, DE NOVAS RELAÇÕES NA SALA DE AULA¹

Maria Regina Lopes Gomes

Pedagoga da Prefeitura Municipal de Vitória, assessora pedagógica de Educação
Infantil e Ensino Fundamental, Mestranda em Educação – PPGE – UFES

Jane Marg**arida Nunes Barreto e Monteiro**

Mestranda em Educação – PPGE – UFES, professora aposentada da Rede Estadual

RESUMO: Relato de uma experiência de formação continuada de professoras que atuam/atuavam com turmas de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental, em 40 escolas municipais da Prefeitura de Vitória, no ano de 2001. Esse processo de formação continuada proposto apresentou momentos vividos durante o curso de Contadores de Histórias e seus desdobramentos na prática cotidiana dessas professoras em sala de aula, na escola e na vida vivida fora da escola. Objetivava criar redes solidárias e compartilhadas de trabalho escolar que propiciassem o surgimento de outros/novos sujeitos. Sujeitos mais potencializados, mais seguros, mais valorizados/reconhecidos, criativos/inventivos. Buscava uma prática de caminhos possíveis, concretizados a partir de trajetórias coletivas, compartilhadas pelas/entre professoras durante os encontros no curso e nas escolas, nas salas de aula, entre elas e seus/suas alunos/as.

Falar de um sonho pode parecer apenas utopia, mas quando falamos de um sonho que se tenta viabilizar em ações coletivas, pensamos estar tecendo uma rede de solidariedade em busca de uma verdadeira cidadania. Nosso sonho contempla uma escola que seja um espaço onde alunos/as e educadores/as tenham vontade de entrar e nenhuma vontade de sair. Um sonho que contou/conta com diferentes sentimentos, mas

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sobretudo, com a crença da existência de caminhos, muitas vezes atalhos, capazes de contribuir para que novas escolhas possam ser feitas no cotidiano da escola, que apontem para outras formas de vida; menos excludentes e competitivas.

Caminhos possíveis, concretizados nas práticas cotidianas. De mudanças, de reconhecimentos, de valorização, de detalhes, de transformações, solidariedade, cooperação e invenção.

Não queremos dizer com isso que basta um sonho para que sejam produzidos novos sujeitos e subjetividades, mas acreditamos que são impulsores de novos fazeres, de construção de novas realidades.

São dessas possibilidades, das múltiplas transformações/construções de realidades, que gostaríamos de falar/comentar nesse texto, a partir do trabalho de um grupo de professoras da Rede Municipal de Ensino de Vitória. Dividimos com essas diferentes pessoas - atores e produtores desse texto – a responsabilidade e o prazer de nossa caminhada.

Procuramos reafirmar nossas crenças nas possibilidades de superação *da imposição de uma lógica única de um só saber*, que produziram/produzem práticas desiguais, seletivas, excludentes e aprisionantes, pertencentes ao fazer cotidiano, que impediram/impedem os educadores de reconhecerem quanta riqueza se faz presente no seu fazer, nas tramas que são tecidas entre alunos/as, professores/as nas diferentes formas de produção de conhecimentos, regras e sentidos.

Procuramos reafirmar, ainda, novas/outras práticas desenvolvidas por diferentes educadores/as que apontam para a possibilidade de intervir no ambiente e na forma de organização do espaço/tempo escolar, tornando-o mais atraente/mais pessoal a partir de alguns elementos presentes no imaginário de alunos/as e de professores/as, assim como da inclusão no currículo escolar das múltiplas linguagens que estão presentes no cotidiano, mesmo que não reconhecidas/valorizadas. Reafirmamos, também, nossa



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

crença nos processos/nas produções coletivas e cotidianas que ampliam e fortalecem as redes de significados, saberes e afetos que dão vida/impulsionam os atores da escola a novas buscas e escolhas. *Trata-se de exercitar o movimento expansivo no sentido de abrir possibilidades de práticas para além dos limites das regras pré-estabelecidas* (PEREIRA, 1995:81).

Redes solidárias e compartilhadas de trabalho escolar para o surgimento de novos sujeitos. Sujeitos mais potencializados, mais seguros, mais valorizados/reconhecidos, confiantes, solidários, cúmplices, alegres, criativos/inventivos.

CANDAU (2000 : 15) quando analisa a necessidade da construção de novas produções na escola, nas formas de conhecimento lembra que

“a cultura escolar está impregnada pela perspectiva do comum, do aluno padrão, do “aqui todos são iguais”. No entanto, as escolas estão cada vez mais desafiadas a enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade cultural, étnica, social, religiosa, etc..., dos seus sujeitos e atores”.

São essas crenças que fazem com que continuemos procurando atalhos, caminhos possíveis, geradores de movimentos prazerosos, imprevisíveis e inventivos. *Encontrar trilhas apagadas pela imposição de uma lógica única é fundamental. Fazer emergir as perspectivas abandonadas é essencial para refazer a vida...* (ESTEBAN, 2001 : 17).

Entendemos como “permanentes começos” quando procuramos relatar momentos da experiência que foi realizada junto a um grupo de professoras de 1ª e 2ª séries das diferentes escolas municipais de Vitória num “Curso de Formação de Contadores de Histórias” e de seus desdobramentos nas práticas desenvolvidas por essas professoras.



Experiência/estratégia pensada e proposta por nós (profissionais que atuavam no Projeto Revitalização da Secretaria de Educação de Vitória), que objetivou também a aproximação das professoras do grupo de coordenação que atua no sistema central, desvelando um pouco dos sentimentos, muitas vezes de descrença, que movem esse tido de relação.

A forma impessoal de pensar as relações e os processos de produção que desconsidera os múltiplos espaços/tempos de aprendizagem, deixa escapar as micro-ações que traduzem uma pedagogia de possibilidades, que é plural, compartilhada, dialógica e democrática (ALVES citada por ESTEBAN, 2001: 96).

A convivência com processos dicotômicos onde predomina a idéia da existência de saberes/não saberes, fruto dos paradigmas modernos, sabemos todos e, sobretudo, nós da educação, o que significaram em nossos corpos/vidas, ao longo dos anos.

Tomar a decisão pela realização desse curso/dessa outra forma de promover encontros com/dos professores/as (até então, nossos encontros com os professores se deram nas escolas) não foi tão simples. Não queríamos e não queremos repetir o que, durante anos, os cursos de formação, sem articulação com a vivência cotidiana, significaram para a mudança da prática de *aprender/ensinar*.

Pretendíamos estabelecer vínculos com esses educadores que permitissem uma aproximação de troca, de valorização/reconhecimento, de “erros” e “acertos”. Confiança e respeito necessários para o trabalho com elas em sala de aula/na escola. Encontros que fossem potencializadores, que desvelassem práticas cristalizadas e apontassem para o reconhecimento de nossas *práticas locais* produzidas nos diferentes e diversos percursos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Iniciamos a organização do encontro – Curso de Formação de Contadores de Histórias - buscando as múltiplas experiências anteriores realizadas nas escolas municipais, desde 1998. Experiências que envolveram diversas formas e caminhos que possibilitaram entrar/mergulhar no cotidiano da escola de 1º grau, fazendo uso de linguagens das histórias infantis e juvenis, das músicas, dos brinquedos e brincadeiras, das danças/movimentos, do teatro, dentre outras linguagens estéticas que, mesmo temporariamente, possibilitaram um cotidiano menos disciplinado, mais criativo nas práticas, apesar da perspectiva disciplinar/da rigidez das fronteiras ainda ser pré-suposto de organização desses espaços/dessas relações. Dos movimentos presentes nos diferentes espaços/tempos de aprendizagem,

*“os sons se espalham e dão sentido ao espaço educativo.
Vozes se mesclam nos corredores e calçadas próximas.
Ecos que provocam lembranças de imagens, cores e
cheiros: uniformes, sorrisos, suor.” (KENSKI, 2000 : 123)*

Movimentos e diálogos que nos conduziram a constantes reflexões desse fazer junto às escolas e a professores/as. Aprendemos que é preciso ter cuidado/respeito com os atores das escolas. Com o que é produzido todos os dias, independente das nossas intenções. Achemos, muitas vezes, o fazer da escola repetitivo/sem graça. Como se todos os dias as ações se repetissem, apesar do cotidiano escolar mesmo como caminhos já sabidos indicar a possibilidade de traçar novos caminhos (Alves).

Não poderíamos deixar de compartilhar a reflexão/análise de ALVES (1998), sobre essa forma de “ver” e tratar o cotidiano da escola aprendida na modernidade que nos faz insensíveis, quando diz do valor dos cadernos, dos planejamentos, das provas ou exercícios, geralmente criticados pelos mesmos “iluminados”.

*“Assim, aquilo que durante tanto tempo insistimos em ver
como repetição – os mesmos exercícios, os mesmos livros,
as mesmas leituras,[as mesmas atividades, as mesmas*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

histórias] – *precisa ser visto na sua variedade de uso quanto às ordens de trabalho, aos vácuos de conteúdo, ao tempo gasto, às exigências feitas à apresentação do pensamento, às notas dadas, etc”.*

Algumas atividades realizadas com as professoras no Curso de Contadores de História

Foi organizado um encontro no mês de julho para que as professoras pudessem apresentar-se contando histórias para uma platéia diversificada: familiares, alunos/as, colegas de outras instituições e por quem mais elas quisessem convidar, para que suas produções fossem socializadas com outros grupos, valorizando as tentativas feitas por essas educadoras durante os encontros e junto aos seus e outros alunos da escola em que atuavam. Tentativas que emocionaram do início ao final dos encontros de formação e que, continuarão emocionando e surpreendendo, como já fazem, no cotidiano da escola.

Lendo os relatos, ouvindo os depoimentos, vendo as fotografias e conversando com as professoras responsáveis pelo curso - Dulcimar e Rosário-, pareceu-nos que esses processos de aprendizagem/de produção de conhecimentos fortaleceram as relações entre elas e delas com os alunos/as. Parece que muitos espaços/tempos têm sido possíveis de serem (re)visitados quando do contato com livros, roupas velhas, palcos, bonecas de papel e de pano, fantoches, adereços, cenários...

Nas leituras que fizemos dos materiais produzidos no curso e pelos relatos das experiências das professoras com alunos/as nas escolas, procuramos apresentar alguns que, mais explicitamente para nós, ilustraram as sutilezas, os detalhes, as nuances, os sentidos, as (artes)manhas, os sentimentos e emoções, o momento de transição que vivem/vivemos, a presença de conteúdos escolares, a solidariedade, o compartilhar, dentre outros tantos fios que fazem parte dos momentos *que vamos tecendo em redes fora da escola ou fora da sala de aula*, na escola, nos movimentos de invenção.

Para começar a conversa com as professoras e buscar a participação dos alunos/as das



diferentes escolas, as coordenadoras enviaram uma carta para as crianças falando da realização do Curso de Contadores de Histórias e pediram que mandassem notícias por suas professoras do que estavam achando das novidades que passariam a acontecer nas salas de aula e/ou fora dela.

Como o ato de contar histórias é uma atitude que parece fazer parte da prática de professores/as, nas salas de aula as atividades estão sendo ressignificadas a partir da compreensão de que a história pode ser um dos valiosos recursos possibilitadores de mudanças, de prazer, de trocas afetivas, de lembranças, de passeios por diversos mundos e transformações dos sujeitos.

Durante a escolha da história, da definição dos personagens, da organização da falas, da organização e produção das roupas, adereços e cenários, bem como durante a apresentação do Conto de Fadas Rapunzel as professoras tiveram oportunidade de experimentar/vivenciar diferentes formas e *aprenderensinar*. Redes de solidariedade que apontam para novas relações de “transmissão de conhecimentos e ouvintes”, dos que sabem e dos que não sabem. Redes que apontam para a importância de se reconhecerem enquanto “formadoras” pois *aprendemensinam* o tempo todo entre si.

A proposta do curso foi pensada e organizada com encontros presenciais e não presenciais, para que as professoras pudessem estar fazendo uso das diversas linguagens que a história/a literatura infantil possibilitam nos múltiplos espaços da escola, ampliando e, em alguns casos, introduzindo o lúdico como auxiliar na invenção de novas didáticas.

Avaliação da história feita pela professora – “Esta história é muito interessante. Ela expressa diversos sentimentos. As crianças sentiram uma emoção muito grande; permaneceram em silêncio durante o diálogo, como se eles estivessem vivendo aquele momento dos personagens, tão mágico, fantástico. Ao término da história, várias crianças sentiram o desejo de dramatizá-la. Eles queriam viver cada cena. Foi muito emocionante e é gratificante vê-los com os olhos brilhando, vivenciando os seus mais profundos desejos e sonhos”. (Prof. Marinete)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Além de procurarem fazer uso dos livros de literatura, teatro, a produção e uso de fantoches e bonecos foram atividades integrantes do trabalho com as professoras de 1ª e 2ª séries durante curso.

Alguns dos desdobramentos que aconteceram nas escolas...

As atividades a serem desenvolvidas nas escolas com os alunos/as, foram as mesmas para todas as professoras. Fato que, mesmo estando sujeito a críticas de alguns que negam essa forma de trabalho por acharem que “a diferença” estaria sendo assegurada, não impediu que a diversidade dos processos interativos das professoras/crianças produzissem múltiplos sentidos/significados. As diferentes redes de conhecimentos foram tecidas, a partir da complexidade e subjetividades de cada uma dessas individualidades.

A tarefa inicial com bonecos a ser desenvolvida nas escolas, envolveu a localização dos fantoches que chegaram às bibliotecas escolares como estratégia para que as professoras tomassem conhecimento da existência desse recurso material na escola, conhecessem os bonecos, se apropriassem deles e, de certa forma, começassem a compartilhar desses materiais, superando práticas egocêntricas ainda presentes.

Através dos relatos descritos pelas professoras, tentamos evidenciar o quanto se aprende/ensina quando se conta e inventa histórias.

“[...] fizemos um levantamento dos nomes que os alunos gostariam que fossem batizado o boneco, depois destacamos cinco nomes e fizemos uma votação. Após a votação o nome GABRIEL ganhou em 1º lugar, em 2º EDUARDO e em 3º MÁRIO. Como eles se empolgaram muito ao ter a possibilidade de construir a identidade de um boneco, discutimos e chegamos a conclusão que o boneco chamaria: GABRIEL EDUARDO MÁRIO, sendo os dois últimos sobrenome”. (Professora Isabel – 1ª série)



Interessante que, tentando buscar o “consenso”, a professora lança mão/inventa. Usa a alternativa do nome completo para o boneco, inclusive, garantindo a ordem do resultado da eleição feita na/com a turma, provavelmente, evitando conflitos. Ao mesmo tempo, parece que não perde a oportunidade de articular essa atividade, não prevista inicialmente, ao projeto de trabalho construindo novas redes afetivas na sala/no grupo.

As observações das professoras falam por si:

“Desenvolvi a história com fantoche com minha turma de 2ª série. Escolhi uma boneca pretinha, muito charmosa, inteligente e alto astral. Iniciei apresentando a boneca para a turma em que ela dizia que não tinha nome e precisava de ajuda para preparar seus dados pessoais. Os alunos inicialmente ajudaram a dar o nome e também de seus familiares, o lugar onde mora e estuda e o que gosta de fazer. Finalmente FERNANDINHA nasceu de uma produção coletiva [...] FERNANDINHA virou mascote da turma e acabei ganhando mais uma aluninha em minha turma”.(Professora Graça)

Batizados de Bonecos “ [...] com o grupo de crianças que atendo, propus uma atividade com a dinâmica de apresentação de pessoas e coisas com o objetivo de trabalhar substantivo. Deixei de propósito um fantoche na sala e como ele não tinha nome comecei a direcionar a turma para o batizado.

Ficha de Batismo:

Nome: Vovó Anita

Idade: 80 anos

Endereço: CAA (Ceciliano Abel de Almeida)”

“Vovó Anita é uma senhora muito alegre que não tem parentes e vive na biblioteca do CAA.

Dona Anita adora os dias que têm aula pois o barulho e a alegria da criançada deixam ela feliz e faz ela lembrar de quando era mais moça e morava no prédio antigo.

Vovó Anita fica triste quando não tem aula, por isso fez amizade com os pombos que moram na quadra e fazem coco na cabeça da criançada.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Acho que é só a vovó Anita que gosta daqueles pombos, mas eles fazem companhia para ela nos dias que não tem aula.”

As crianças dessa professora são consideradas com dificuldades de aprendizagem. Frequentam as salas do Laboratório de Apoio Curricular- instituídas em várias escolas como uma alternativa que possibilita o resgate do direito à apropriação da leitura e da escrita aos alunos/as que, de certa forma, não conseguem responder adequadamente às exigências escolares (ESTEBAN) e que se encontram perdidos nos fundos das salas de aula ou são, freqüentemente, encontrados na sala da coordenação.

“o batizado dos fantoches da EMPG OTTO Ewald Júnior foi realizado envolvendo todas as turmas da escola conforme decisão em conjunto das professoras participantes do curso.

Inicialmente, foi feita uma sondagem para verificar o estado de conservação de cada fantoche. Os fantoches que se encontravam danificados foram recuperados pelas mães dos alunos da escola.

Em seguida cada turma escolheu um fantoche para criar sua identidade: dados pessoais (nome, idade, profissão, endereço, etc...), características físicas e psicológicas. Em algumas turmas, os alunos produziram textos contando histórias sobre a vida do fantoche que haviam “dado vida”, em outras, as professoras contaram histórias utilizando o fantoche escolhido.

A última etapa do batizado foi feita na entrada, quando os alunos estão formados para oração. A professora Terezinha (que faz a oração todos os dias de uma forma muito especial) apresentou os fantoches com sua nova e definitiva identidade para todas as turmas da escola. Os alunos vibraram muito quando percebiam que o fantoche apresentado havia sido batizado por eles.

Toda essa experiência foi muito positiva, pois pudemos perceber o quanto a fantasia está presente na vida das crianças e o quanto ela faz falta no dia a dia escolar.

Outro fato relevante foi o envolvimento de toda a escola nessa atividade. Até mesmo os professores que não participam do curso demonstraram boa vontade e interesse na realização do batizado”.



A professora Viviane da turma de 1ª série, após realizar a atividade com os fantoches, apesar desse recurso não ser novidade para ela, relatou que

“durante as semanas que estiveram em contato com a boneca, observei que as crianças estavam vindo mais arrumadas com vestidinhos e algumas estavam vindo também de maria chiquinha.

Foi um trabalho muito interessante e gostoso de ser realizado. Toda etapa foi muito festejada e acredito que também foi inesquecível para a turma”.

O relato da professora Giovana encanta pela riqueza de sentidos e gostaríamos de compartilhá-lo com outros profissionais que se emocionam com as sutilezas do ato educativo e com o que essa trocas possibilitam.

“[...] busquei um fantoche na biblioteca e escolhi o que me chamou atenção, um que olhei e me apaixonei.

Levei o fantoche para casa e fui conversando com ele, mostrei a minha casa, a minha vida, o meu dia - a - dia e fui levando o fantoche a vários lugares: bancos, supermercado, igreja e etc... Mas, quem “carregava” eram minhas filhas (achei que o “mico” iria ser menor) e é claro, minhas filhas ficaram apaixonadas e por onde íamos com o fantoche, virava atração e curtimos muito.

Depois de já acostumado com a minha rotina, achei que era hora de levá-lo para a escola e conviver com meus alunos. Preparei um clima, dentro de uma bela caixa, disse que a partir daquele dia teríamos uma nova companhia em nossa sala...E abrimos a caixa em clima de suspense e emoção. As crianças amaram e começamos a convivência escolar e começamos a pensar em mil coisas: nome, idade, time, religião, etc...

Ficou faltando o nome...Essa foi a questão mais complicada! Nada agradava a todo mundo e mesmo tentando uma eleição, não deu certo. Cada um queria apenas o nome que havia dado sugestão e continuamos sem dar nome ao fantoche.

Até que um dia, em casa, ouvi uma música da Bia Bedran, ouvi um nome (só que estava no masculino) resolvi passar para o feminino e cheguei animada na escola falando do nome e as crianças gostaram, aceitaram e escolhemos nome e apelido afinal!



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Então o nome é Joana Sebastiana Benedita de Souza e o apelido é Jojô.

Resolvemos fazer uma festa de batizado e como era véspera do meu aniversário, fizemos uma festa geral: batizamos Jojô e comemoramos meu aniversário.

Foi uma tarde especial: muitas bolas, bolo, refrigerante, histórias, brincadeiras e etc...Foi dez!

E hoje em dia a Jojô faz parte de toda turma; tem até lugar especial: senta na frente, olhando para todo mundo e fazendo bocas e caretas. É amada por todos, passa de mão em mão e vive feliz para sempre conosco”.

A forma como a professora Giovana relata sua experiência evidencia as múltiplas possibilidades de aprender/ensinar que a convivência de sala de aula pode gerar. Quantos espaços/tempos de aprendizagem puderam ser lembrados, vividos e compartilhados durante esses dias?

Aprendizagens que acontecem sem a formalidade da escola, experimentadas nos processos vividos, no mundo das brincadeiras de rua, das praças, dos cozinheiros, das conversas informais e em tantos outros lugares/convivências que a vida nos presenteia.

As crianças da 1ª série e a professora Letícia produziram diversos trabalhos que envolveram a literatura infantil. As imagens e textos evidenciam parte do que foi vivido/compartilhado na sala de aula e as redes que foram sendo tecidas nos diferentes espaços/caminhos que percorreram.

Outros trabalhos que foram compartilhados no grupo de professores mostram, com riqueza de detalhes, o quanto “arte é conhecimento” e o quanto alunos/as e professoras ganham tempo na escola quando fazem uso da música, da história, do teatro, da dança, do futebol, da pintura, do vídeo, da T.V, do trabalho com máscaras, da maquiagem dentre tantas outras formas e recursos durante as “aulas”.

Saberes de natureza dinâmica e interativa, produzidos/compartilhados dos processos reflexivos “no chão da sala de aula”, resultados de julgamentos e decisões em



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

momentos de intervenções pedagógicas. Saberes e metodologias intuitivas aprendidas no cotidiano da família, principalmente no cuidar/educar os/as filhos/as, muitas vezes incompreendidas por aqueles que “tudo tentam explicar pela racionalidade (GARCIA, 2000, p.12)”.

Conhecimentos imprevisíveis; tecidos em redes nesses/por esses diferentes mundos que a história infantil pode oportunizar. Conhecimentos presentes sem a formalidade e a rigidez do espaço/tempo escolar, mas que nos modificam e nos permitem experimentar...

Cochichos, carícias, toques, ansiedade que faz levar a mão à boca, olhares, vontade de chegar perto, de se aproximar mesmo sem ser notado, menino pode brincar de boneca sem pagar “mico”, tios, tias, irmãos, pais, mães, gente, e

“descobrir que todo mundo é como um baleiro. Que ao invés de balas, guardamos gente dentro da gente. Gente de vários sabores, gente de vários amores. Epa!! Por falar em sabores, não deixe de experimentar as pessoas de framboesa e as de hortelã. Elas são deliciosas (RIBEIRO, 2000 : 19)”.

Lugares, sentimentos, comportamentos puderam ser visitados/vividos e compartilhados. Articular essa e outras linguagens estéticas, cotidianas, ao currículo formal, provavelmente, demorará algum tempo a mais de produção histórica. Entretanto, as originalidades, os encantamentos, as sutilezas e as seduções presentes no fazer cotidiano, estão também nas possibilidades inventivas do currículo vivido.

Relações e produções ainda que, como *sombras da modernidade*, evidenciam a complexidade presente nessas tentativas de produção de outros fazeres na escola e a necessidade de compreender/reconhecer os valores dos conhecimentos tecidos e articulados nesse cotidiano por alunos/as, professores/as.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Currículo produzido com os cheiros, humores, desejos, cumplicidades, movimentos, linguagens... Que fazem o espaço/tempo escolar se tornar mágico. E essa magia passar a ser um dos principais ingredientes das produções/práticas escolares, assim como, se fez ingrediente fundamental desse texto.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

REFERÊNCIAS:

ALVES, Nilda. Espaço e tempo de ensinar e aprender. IN: ALVES - MAZZOTTI, Alda Judith ET AL... .Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro : DP & A, 2000.

ALVES, Nilda et al... Pesquisar cotidiano na lógica das redes cotidianas. IN: Reunião Anual da ANPEd, XXI, Caxambu, de 20 a 24 de setembro de 1998 Anais...[s.l] [sd].

CANDAU, Vera Maria (org.). Reinventar a escola. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ESTEBAN, Maria Teresa. O que sabe quem erra? Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro : DP & A, 2000.

GARCIA, Regina Leite (org). Múltiplas linguagens na escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KENSKI, Vani Moreira. Múltiplas linguagens na escola. . IN: ALVES - MAZZOTTI, Alda Judith ET AL... .Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro : DP & A, 2000.

PEREIRA, Marcos Vilela. Educação estética & interdisciplinaridade. In: Paixão de aprender, n.9, Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, dez. 1995.

RIBEIRO, Jonas. Gente que mora dentro da gente. 3 ed. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.